

A PIOR CRISE É A DE NÃO ANTEVER O FUTURO

José Fogaça

Este artigo, no momento em que está sendo escrito, aparentemente já incorre em um paradoxo: falar sobre o resultado das eleições no Brasil independentemente de quem venha a ser o candidato eleito.

Paradoxo, na verdade, não sei se exatamente é. O que sei é que não há nada mais visível e mais inquestionável para mim, quanto ao que será a realidade do Brasil em 2027, do que o fato de que o Brasil mudará muito pouco ou quase nada - ganhe quem ganhar as eleições.

Recentemente, o Supremo Tribunal Federal, no momento mais agudo da disputa eleitoral ocupou invasiva e ruidosamente o procênio eleitoral, com o julgamento (que não aconteceu) do Ministro Alexandre de Moraes. A sessão convocada pelo presidente Fachin, no entanto, desdobrou-se por vários dias nos bits digitais, nos noticiários de rádio e TV, e nas páginas dos jornais brasileiros. Com grande destaque, diga-se de passagem, ocupando espaço bem maior do que qualquer eventual manifestação dos candidatos à presidência da República.

Igualmente chamou atenção a dimensão adquirida no debate público por uma acusação plantada nas redes sociais contra o mais forte candidato de oposição, tendo como pivô a translúcida figura de Nossa Senhora Aparecida. Tratava-se de fake news, mas - como sabemos - o fato de uma informação ser falsa, nestes dias que correm, não lhe retira em nada a relevância.

Na reta final da eleição tal assunto ganhou muitas manchetes e manifestações da Justiça. Maiores do que qualquer palavra dos candidatos sobre a administração pública ou sobre a economia do país.

Há, no mínimo, uma dezena de assuntos que poderiam aqui ser arrolados como exemplo de práticas desviacionistas nessa cena conflagrada das eleições presidenciais de 2026 no Brasil.

Nas eleições deste ano tudo que não se quer é falar sobre o essencial.

Foge-se do essencial como o diabo foge da cruz.

Não houve, em todo o decurso deste período eleitoral, um verdadeiro enfrentamento daquilo que realmente interessa aos brasileiros: quais são as soluções que os candidatos à presidência da República no Brasil propõem e assumem para resolver a grave crise que se anuncia para a economia brasileira.

Por que os candidatos em momento nenhum de suas campanhas se dedicaram a expor as soluções que porventura possuem para desatar o nó górdio da estagnação econômica do Brasil, do desajuste fiscal que produz juros exorbitantes, do fato que o Brasil ainda tem um PIB per capita nominal de 11.500 dólares, que é o mesmo de 2002, 24 anos atrás?

Por que em PPP (Paridade de Poder de Compra), nesse mesmo período, o índice da Rússia cresceu 2,2 vezes mais e a China 8 vezes mais que o Brasil?

A resposta a essas perguntas é absolutamente perturbadora, mas inescapável: nenhum dos candidatos tem a real intenção de enfrentar nesse nível a crise da economia brasileira.

A importante revista de análise econômica e política internacional Foreign Policy, publicada nos Estados Unidos, publicou na última semana do mês de setembro um artigo de Adam Goldsmith, diretor para a América Latina da Greenmantle, uma empresa de consultoria de risco macroeconômico e inteligência geopolítica sediada em Nova Iorque.

A Greenmantle utiliza modelos quantitativos e análise qualitativa profunda para antecipar cenários econômicos e geopolíticos globais.

O artigo de Goldsmith foca o Brasil. De forma categórica e cartesiana, e diferentemente do que preocupa os próprios brasileiros, o renomado consultor dissecou os dramas e aflições que afetam o Brasil nesse momento angular em que o país decide quem será o próximo presidente.

É curioso: Goldsmith identifica perfeitamente o antagonismo político dos candidatos que lideram as eleições no Brasil. No que se refere a Lula, vê populismo econômico, liberalismo social e estabilidade política como as principais formulações que emanam de seu discurso e de sua prática política. No que se refere ao principal desafiante, Flávio Bolsonaro, intitula-o o portador da tocha do movimento socialmente conservador que seu pai lançou em 2018.

Goldsmith percebe com clareza que há duas linhas de conduta notória e contundentemente opostas em jogo na eleição de 2026, no Brasil. No entanto, sentencia de forma cabal: “Apesar dessas visões concorrentes, ambos os candidatos dificilmente resolverão as

questões centrais do Brasil: crescimento anêmico de longo prazo e corrupção enraizada ”

São justamente dois temas que o Brasil tem muita dificuldade de enfrentar, sabemos nós, brasileiros.

O diretor da Greenmantle não deixa por menos: “O problema do Brasil não é a incapacidade de se reformar. É a incapacidade do país de institucionalizar essas mudanças em soluções duradouras. O país aprovou várias vezes desde a redemocratização dos anos 1980 legislações tentando combater o crescimento lento e a corrupção, mas, na maioria dos casos, os políticos diluíram essas reformas ou as reverteram completamente.

Aqui vale lembrar: a emenda constitucional do teto de gastos, de Temer, em poucos anos foi desbaratada pelo Congresso.

O arcabouço fiscal de Haddad se provou uma medida para inglês ver: inócua na defesa do equilíbrio fiscal.

O consultor norte-americano não hesita em apontar o Brasil como um país que tolera déficits com imensa facilidade. País que tolera déficits com tanta facilidade perde credibilidade e corre riscos enormes. Há países da América do Sul que estão se saindo melhor nesse item, como Chile, Colômbia e Peru, que adotaram normas que limitam duramente os déficits, reduzindo o impulso inflacionário e o risco do investidor, permitindo taxas de juros estruturalmente mais baixas.

Adam Goldsmith também faz menção a investigações descarriladas no combate à corrupção e como esse fenômeno é recorrente (e insistente) na realidade brasileira.

Talvez o pior da quadra política que estamos vivendo neste país não seja a baixa qualidade da política, e como ela vem sendo exercida.

O pior desse antagonismo confuso e paralisante que vemos diante de nós talvez esteja no fato, que é percebido por nós e por analistas de fora do país, de que há pouquíssimas possibilidades de mudança do quadro que está desenhado e definido diante de nós e de que não há quase nenhuma fresta na parede do tempo que nos permita antever um futuro diferente da que temos hoje.